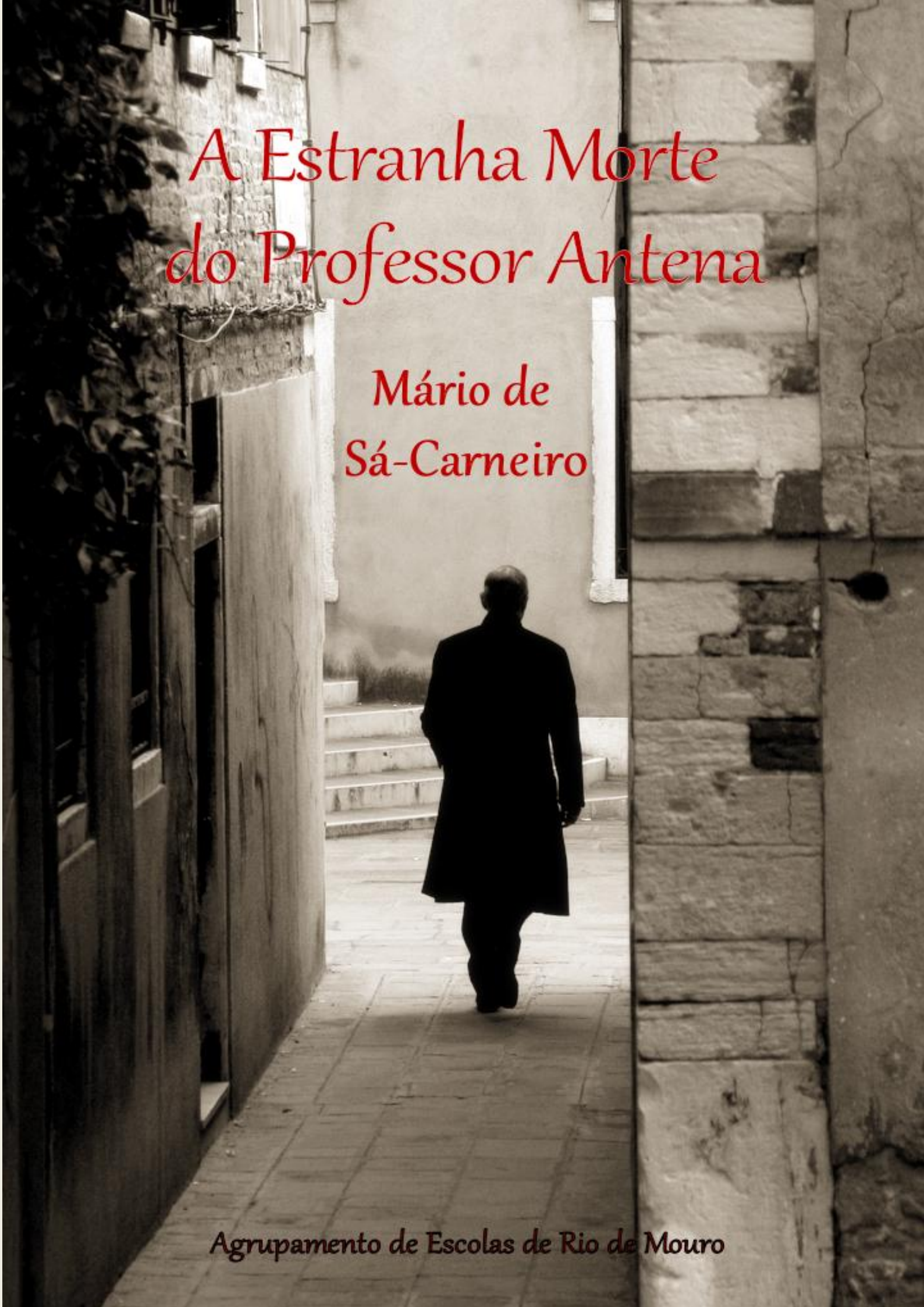




A Estranha Morte do Professor Antena

*Mário de
Sá-Carneiro*

Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro

Título: A Estranha Morte do Professor Antena

Autor: Mário de Sá-Carneiro

Edição: Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro

Adaptação, paginação e projeto gráfico: Carlos Pinheiro

Imagem da capa: Stefano Corso [Flickr Creative Commons]

1.^a edição: novembro de 2013

Edição segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Mesmo entre o público normal causou grande sensação a morte do Prof. Domingos Antena. Não tanto – é claro – pela irremediável perda que nele sofreu a Ciência contemporânea, como pelo mistério policial em que a sua morte andou envolvida.

Esse automóvel-fantasma que, de súbito, surgira e logo, resvalando em vertigem, se evolara por mágica, a ponto de ser impossível achar dele um indício sequer, embora todas as diligências – e mesmo a prisão dalguns *chauffeurs* que puderam entretanto fornecer álibis irrefutáveis – volveu-se logicamente matéria-prima ótima, de mais a mais roçando o folhetim, para os diários, então, por coincidência, privados de assunto emocional.

Depois, a figura do Prof. Antena era entre nós popular. O seu rosto glabro, pálido e esguio, indefinidamente muito estranho; os olhos sempre ocultos por óculos azuis, quadrados, e o sobretudo negro, eterno de verão e de inverno, na

incoerência do feltro enorme de artista; e os cabelos longos e a *lavallière* de seda, num laço exagerado tudo isto grifara bem o seu perfil na retina paspalheira da multidão inferior das esquinas.

Entanto jamais um dito grosseiro, dessa lusa grosseria, provinciana e suada, regionalista, que até nesta Lisboa – central, em vislumbres – campeia à rédea solta (e mesmo refina democraticamente) o atingiu nas ruas ou nas praças, pelas quais ele era silhueta quotidiana. Pois ao invés dos sábios convencionais e artistas castrados que fogem às multidões, à Europa, ao progresso, num receio gagá de ruído e agitação – o Prof. Antena era, pelo contrário, onde mais se aprazia, sobretudo nas horas maravilhosas de criação. Com efeito um grande sábio cria – *imagina* tanto ou mais do que o Artista. A Ciência é talvez a maior das artes – erguendo-se a mais sobrenatural, a mais irrereal, a mais longe em Além. O artista adivinha. Fazer arte é Prever. Eis pelo que Newton e Shakespeare, se se não excedem, se igualam.

De resto nada há que torne alguém mais lisonjeiro ao povo do que a lenda – e em volta do Prof. Antena nimbava-se um véu áureo de Mistério. A tradição sabia que esse homem

excêntrico, se debruçara mais duma vez sobre, qualquer coisa enorme, alucinante – que o seu laboratório seria melhor, entre aparelhos bem certos, a gruta dum feiticeiro, do que o atelier dum mero cientista. Os periódicos heroificavam-no popularmente nas suas *manchettes*, dia a dia – e, por último, as curas extraordinárias, laivadas de milagre, que ele fizera pelos hospitais graças à sua perturbadora aplicação dos raios ultravioleta – tinham acabado de o sagrar aos inferiores, em humanitarismo.

Eis pelo que a sua morte desastrosa causou funda emoção. O caso foi assunto durante semanas por toda a cidade, por todo o país – discutido, perscrutado.

Como é que eu, o seu discípulo mais querido – hoje, meu Deus, o seu herdeiro – e a única testemunha da tragédia, não *vira* coisa alguma, não conservara sequer na memória um detalhe que pudesse identificar o automóvel que o esmagara?... Demais, no local do desastre, a estrada fazia uma curva e o macadame era avariado. Logo o veículo não pudera, normalmente, resvalar em bólido... Eu protestava, é certo, com o horror do momento que me cegara. E essa razão teve que ser aceite. Mas em verdade, apesar do meu nome impoluto, dos laços estreitos, filiais, que me ligavam ao Mestre, não sei se

suspeições teriam caído sobre mim, caso o atropelamento não fosse evidente. Evidente; entanto muito singular; pois além do crânio esmigalhado, das pernas decepadas, ferimentos *reais*, ainda que duma violência fenomenal – outra ferida houve quase inexplicável: uma ferida perfurante, cónica, a meio do ventre, que dir-se-ia, feita por uma broca triangular, girando vertiginosamente a rasgar-lhe as entranhas com a sua ponta de diamante.

Aventou-se ainda, por outro lado, que o automóvel conduziria bandidos trágicos à Bonnot, fugitivos de qualquer sangreira. Mas crime algum se cometera essa manhã. Logo a sherlockholmesca hipótese foi posta de parte. E como o inexplicável se não explica, mas tem que ser admitido – a estranha morte do Prof. Antena ficou aceite como um atropelamento banal. E breve ninguém falava já do facto – tudo olvidado na queda dum mistério...

O meu nome escreveu-se frequentes vezes nos periódicos, durante o inquérito. Muitos repórteres me procuraram, e os correspondentes dos jornais estrangeiros.

Mas eu só lhes respondia com os meus lamentos, as minhas lágrimas, e a descrição sucinta, sempre igual, da catástrofe: um

automóvel enorme, fechado, de súbito surgindo na curva, em bólide, e sem tocar a sereia – um ruído de ferragens, nuvens de pó... e na estrada, esmigalhado, o cadáver do Mestre...

.....

Pois bem, hoje, quase um ano decorrido sobre o desastre, eu venho falar enfim. E venho agora só, porque só agora posuo nas minhas mãos documentos que, irrefutavelmente, autenticam a minha narrativa – documentos que fornecem pelo menos uma hipótese admissível, uma forte hipótese, ao estranho desfecho que se vai conhecer. No momento da tragédia ser-me-ia impossível contar a verdade – todos me farão, de resto, essa justiça após me haverem lido. Um louco, no meu caso, teria falado. Isso mesmo definiria a sua loucura. Homem sensato, calei-me. A prova maior da sensatez está em ocultarmos a realidade dos factos inverosímeis. A verdade é só para ser dita ocorrendo nela circunstâncias muito especiais. Eis o axioma máximo.

Mas entrando propriamente na matéria.

Eu proponho-me fazer hoje a simples exposição verídica da morte do Mestre, e a seguir interpretá-la segundo os documentos que achei entre os seus papéis. Esses documentos ficam, bem entendido, à disposição de quem os queira examinar diretamente. Por infelicidade são muito incompletos. Duma memória prodigiosa – e, de mais a mais, como nenhum artista, cioso dos seus segredos – o Prof. Antena limitava-se com efeito a assentar nos seus cadernos, além de fórmulas e esboços, apontamentos telegráficos – por vezes indecifráveis – onde condensava as suas ideias, os raciocínios que o deviam guiar a determinadas conclusões. Eram estes apontamentos que, desenvolvidos, mais tarde lhe serviam de base para os volumes elucidativos que publicava sobre cada uma das suas descobertas – ou mesmo das suas buscas: volumes que hoje formam uma preciosa biblioteca da mais surpreendente leitura – biblioteca a que, por nossa desgraça, falta um volume: o maior, o mais Fantástico. Se assim não fora, hoje a humanidade teria avançado de mil séculos – haveríamos, quem sabe, descoberto enfim o Mistério...

Entretanto sejamos lúcidos e breves.

Para a melhor exposição, arrumarei assim a minha narrativa: Restabelecerei primeiro a verdade sobre o desastre. Depois, num apanhado, condensarei – tanto quanto possível ordenada e claramente – todos os apontamentos dispersos encontrados entre os papéis do Mestre, os quais, reconstituídos nas suas lacunas, ajustados, refletidos em conjunto – além das coisas assombrosas que nos entremostam – nos fornecem, senão uma explicação definitiva, categórica, pelo menos, como já dissemos, uma forte hipótese sobre a estranha morte do Prof. Antena.

Uma manhã de abril do ano passado, no dia 20, para precisar – procurando o mestre, como quotidianamente fazia, foi-me entregue uma carta pela sua velha criada. Abri-a admirado, e mais surpreso fiquei ao ler as suas poucas linhas:

«Não me procures antes de te chamar. Preciso estar só, inteiramente só, durante algum tempo. Mas sossega. Tu serás o primeiro a saber. Adeus, e desculpa. Segredo absoluto.»

«P. S. – Espera a cada instante notícias minhas, e corre logo que eu te avise.»

Acostumado às suas estranhezas, dobrei a carta, guardei-a e retirei-me...

Entretanto, nos dias que sucederam, não me pôde esquecer o caso. Sobretudo uma forte curiosidade me assaltara. Para que seria aquele isolamento tão súbito e tão contrário aos seus hábitos – para quê? Decerto alguma nova descoberta... Mas conhecendo-o bem, como não havia outro remédio, resignei-me a esperar...

Aliás, não podia haver dúvida – tratava-se com certeza de alguma nova descoberta, porquanto eu lembrava-me de que nos últimos tempos, especialmente desde o começo do ano, o Mestre parecia absorvido por qualquer problema novo em que não deixasse de se concentrar. Pequenas distrações, respostas vagas e, nos últimos dias, certo ar de triunfo, de *ansiedade*, que lhe iluminava o rosto – tudo indicava que o seu génio breve nos iria surpreender em qualquer maravilha nova...

Enfim, decorridas duas semanas, alta madrugada, a campainha de minha casa retiniu muito aguda. Era um telegrama urgente: “Vem sem falta 6 horas” – dizia-me nele o sábio.

Ansioso, não tive tempo para mais do que me vestir e aquecer uma chávena de leite...

Às seis horas em ponto batia à sua porta. A velha criada, já a pé, abriu:

– O senhor manda-o esperar na sala – disse.

Nova bizarria. Pois, habitualmente, eu, mal chegava, sem mesmo perguntar coisa alguma, logo me dirigia ao laboratório, instalado num grande pavilhão, a meio do jardim.

Entretanto, tagarela, a velhota, em ares de caso, acrescentava cochichando:

– Ih! Jesus... Sabe lá... Aquilo vai em duas semanas que não sai do casarão – era como a boa mulher designava o laboratório. – Só para comer. E mesmo assim... Até nem me deixa lá ir chamá-lo!... Imagine, mandou pôr uma campainha. Olhe, quer ver...

Ao mesmo tempo carregava num botão colocado na saleta de entrada.

Um minuto decorrera, quando o Mestre se precipitou abraçando-me.

Estranhei-o. Nesses quinze dias que estivera sem o ver, ele mudara muito. Talvez tivesse emagrecido. Mas não fora essa a

mudança principal – antes esta, muito bizarra: a expressão do seu rosto deslocara-se, não se transformara, deslocara-se. Era muito estranho, mas era assim. E os olhos, através dos óculos, fulguravam-lhe num outro brilho, nimbados em auréola.

Gritou-me:

– Ah! Enfim!... Enfim!... Ainda não sei, ainda não sei positivamente, mas tenho a confiança máxima. Vais ver! Vais ver!... Nem tu calculas...

Todos os meus trabalhos – pacotilha!... O mais assombroso segredo! O Mistério-Maior!... Por ora ainda te não digo nada... Vem comigo... Estou prestes a vencer... ou ser vencido... Só então direi tudo... Vem... Quero-te ao meu lado no Instante Supremo. Para isso te chamei. Prometera-te: tu serás o primeiro a saber – primeiro!... Espera-me um momento.

Saiu, e reapareceu envolto numa ampla peliça. Era já em maio. E embora a manhã estivesse bastante fresca, admirou-me que em vez do seu sobretudo negro, quotidiano, envergasse essa peliça exagerada que, de resto, nem lhe conhecia. Nas mãos, calçava grossas luvas de castor, cinzentas. Um cachecol muito extravagante lhe envolvida o pescoço, tapando-lhe o queixo.

Mal chegámos à rua, o Professor parou examinando o espaço. Teve uma hesitação. Depois puxou da algibeira por um objeto que me pareceu um relógio – consultou-o... E, de súbito resolvendo-se, pegou-me bruscamente por um braço arrastando-me sem dizer uma palavra. Só então notei – e pasmo hoje como só então notei – que os vidros dos seus eternos óculos azuis, quadrados, eram doutra cor: um amarelo sujo, muito bizarro; uma cor repugnante *que metia medo*. É verdade: ao olhar com mais demora os vidros dos seus óculos, foi esta a impressão que me oscilou destrambelhadamente. A cor não me soube a cor. Os meus olhos sentiram-na, não *vendo-a*, mas *tateando-a*. Sim, a sensação que essa cor *que eu virame* transmitiu ao cérebro, foi uma sensação de tato – olhá-la, era como se tateássemos qualquer coisa viscosa. E só das estranhas lentes – atingi – provinha a mudança que eu notara no rosto do Mestre: *eram elas que deslocavam a sua expressão fisionómica*.

Durante o nosso passeio, várias vezes ele tornou a consultar o relógio – que, num momento, eu pude descobrir não ser um relógio. Faltou-me o tempo para o examinar com a devida atenção. Apenas observei que o seu mostrador era roxo e que

os algarismos das horas estavam substituídos por traços de cor. Não me atrevi a fazer perguntas sobre o estranho objeto, porquanto o Prof. Antena já me prevenira de que não me responderia a coisa alguma. Demais, não ia eu saber tudo dentro em pouco?...

Entretanto, fosse como fosse, o misterioso relógio devia servir de qualquer forma para a orientação – pois segundo o sábio o consultava, assim eram dirigidos os nossos passos.

Caminhámos durante duas horas. Estávamos longe da cidade, numa estrada dos subúrbios, pouco frequentada. Contudo já dois automóveis nos tinham cruzado. O Mestre avançava silencioso: apenas, de quando em quando, um monossílabo... Largara-me o braço. Eu seguia um pouco atrás dele...

O meu estado de alma era interessantíssimo. Sentia-me como que hipnotizado, seguindo magneticamente o seu rastro. Se quisesse parar enquanto ele caminhava, mover-me quando se detinha – ser-me-ia impossível. Os meus passos eram uma função dos seus passos. Um arrepio me varava todo o corpo, como se fôssemos para um grande perigo. Uma nuvem de Mistério nos arrastava – pressenti...

De súbito, um frio incoerente me gelou os dedos... E a manhã dum maio formosíssimo, já alta, volvera-se mais do que tépida...

.....

Agora dobrávamos uma curva estreita da estrada. Em volta de nós, um grande silêncio... Até que, ao longe, as badaladas dum sino aldeão marcaram as dez horas... E de repente – ah! o horrível, o prodigioso instante! – eu vi o Mestre estacar... Todo o seu corpo vibrou numa ondulação de quebranto... Ergueu o braço... Apontou qualquer coisa no ar... Um rictus de pavor lhe contraiu o rosto... As mãos enclavinharam-se-lhe... Ainda quis fugir... Estrebuchou... Mas foi-lhe impossível dar um passo... tombou no chão: o crânio esmigalhado, as pernas trituradas... o ventre aberto numa estranha ferida cônica...

Petrificado, eu assistira ao mistério assombroso sem poder articular uma palavra, esboçar um gesto, fazer um movimento... Uma agonia de estertor me ascendeu grifadamente... Julguei-me prestes a soçobrar também morto, esfacelado... Mas

de súbito pude desenhencilhar-me – e soltei então um grande grito: um uivo despedaçador, apavorante...

.....

Acudiram primeiro dois trabalhadores que mourejavam perto – os quais, em grossa vozearia, logo começaram amaldiçoando os automóveis... Decorridos momentos, um pequeno grupo rodeava o corpo...

Entretanto eu cobrara algum sangue-frio. E vendo que de forma nenhuma poderia dizer a verdade – a alucinadora verdade – decidi num relance aceitar a explicação do automóvel, tanto mais que na estrada havia fundos sulcos de pneumáticos, seguramente vestígios dos veículos que, algum tempo antes, nos haviam cruzado.

Foi-se chamar a guarda-fiscal ao posto que ficava próximo, e eu contei a versão que até hoje se acreditou: Um grande automóvel, de súbito surgindo vertiginosamente na curva da estrada, um barulho de ferragens, nuvens de poeira... e um cadáver...

.....

O resto é bem conhecido: o transporte para a morgue, o grande enterro, o ruído da imprensa, as investigações policiais improfícuas...

Outros pormenores entretanto não vieram a público. Eilos:

Após a remoção do cadáver, eu, ainda mal refeito, corri a casa do Mestre, a prevenir a velha criada do triste acontecimento e a dispor o que fosse necessário. Ao bater à porta, a boa mulher veio-me abrir pálida de susto... toda a tremer... Contou-me que havia um grande barulho no casarão, que tinha querido ir ver o que era... Mas recuara cheia de medo, pois vinha de lá um terrível bafo de calor...

Sem ouvir mais, numa ânsia, corri ao laboratório. E efetivamente um misterioso ruído – como que zumbido de abelhas fantásticas – chegava do interior. Não hesitei um segundo... Abri a porta, cuja fechadura ofereceu uma resistência desusada... entrei...

Sobre uma mesa, ao meio do pavilhão, estava assente um aparelho que eu nunca vira. Esse aparelho, em funcionamen-

to, é que provocava o estranho ruído e, decerto, abrasava o ambiente. Era como que um pequeno motor cujo volante fosse substituído por uma hélice formada por um sistema de três ampolas de vidro. As ampolas continham uma substância roxa e *dardejavam em torno de si um halo de luz negra*. Não divago. Os raios luminosos projetados eram efetivamente negros. E eu me explico melhor: o laboratório estava iluminado por lâmpadas elétricas, achando-se corridas as cortinas pretas que revestiam todas as janelas. Pois bem: em torno do aparelho havia um halo de outra luz, *não de sombra, de luz* – entanto, não posso exprimir-me doutra maneira: de luz negra. Sim; era como que um jato de ágata negra. Com efeito, este mineral ainda que negro, é brilhante – de forma alguma sombrio. Pois o mesmo se dava com essa luz aterradora – com essa luz fantasma. E na auréola negra, luminosa, grifavam-se, como faíscas, crepúsculos roxo-dourados, num estrépito agudo. Depois, – requinte de Mistério – as ampolas em movimento não projetavam luz apenas: dimanavam simultaneamente um perfume denso, opaco e sonoro, e um som arrepanhante, *fumarento*. De espaço a espaço, em ecos circulares, produziam-se também surdas detonações.

Receei cair fulminado pelos estranhos fluidos, sufocado pela temperatura infernal – e não sei em verdade o que me sucedera se não vencesse o sangue-frio de correr ao comutador elétrico que fornecia a corrente que acionava o aparelho. Fechei-o... Imediatamente a máquina parou... Olhei as ampolas. A substância roxa evolara-se – *como se só o movimento a criasse.*

.....

Quanto ao instrumento de precisão que o sábio várias vezes consultara durante o nosso passeio, foi achado em estilhaços numa das grandes algibeiras do colete – bem como despedaçados ficaram os seus extravagantes óculos. Assim, de tudo quanto se me afigurava ter tido uma certa relação com o desastre alucinador – apenas me restavam três ampolas vazias e uma máquina que, em si, nada oferecia de extraordinário.

Entretanto a mim próprio jurara descobrir alguma coisa. E desde que me achei na posse da herança do Mestre – ansiosamente logo me lancei à busca de qualquer traço que me pudes-

se descortinar um pouco, muito pouco que fosse, do Enigma formidável.

Hoje enfim – restabelecida antes toda a verdade venho publicar os resultados das minhas buscas, pelos quais se verá como logicamente, ainda que distantemente, se pode referir o Mistério à simples realidade científica. Ei-los:

«É desolador como sabemos pouco de nós. Tudo é silêncio em nossa volta. O que é a vida? O que é a morte?... Onde somos, para onde viemos, para onde vamos?... Mistério. Nuvens. Sombra fantástica... E o homem de sisu não crê nos espectros!... Mas não seremos espectros, nós próprios? O Mistério?... Olhem-nos: O Segredo-Total, o Mistério Maior, somo-nos nós, em verdade... Ah! diante dum espelho, devíamos sempre ter medo!... Deixemos o futuro, esqueçamos Amanhã – sonhadores heroicos de Além. Entanto olhemos o passado – tentemos vará-lo, saber ao menos quem fomos Aquém.»

Eis como o Prof. Antena que, a par de todos os grandes sábios roçara já, mais duma vez, o espiritismo, o magismo – orientou os seus trabalhos, por um rasgo admirável de lucidez, neste sentido novo: não tentar romper o futuro das nossas almas, além-Morte-antes sondar primeiro o nosso passado, aquém-vida. Na realidade afigura-se mais lógico, mais fácil, e mesmo mais interessante, conhecermo-nos primeiro em Passado do que em Porvir, – já que ignoramos um e outro.

O que foi deixou vestígios.

E assim, partindo desta verdade aceite como axioma, o Mestre começou procurando esses vestígios.

– Onde os buscar?

– Dentro de nós, decerto.

Ora, dentro do nosso mistério total, o que será mais fantástico? A inteligência? Melhor: a imaginação. Não há dúvida. Pois como é que o nosso cérebro, de forma alguma querendo admitir o inexplicável, ao mesmo tempo sabe acumular fantasia – a cria mesmo, involuntariamente, a toda a hora? Se o nosso cérebro só admite o que vê, o que sente – *o que é* – como se concebe então que, ao mesmo tempo, saiba sonhar o que não existe? Sim, como é que não *havendo* fadas, nem encantamen-

tos, nem deuses, nem milagres – os homens souberam *realizar* todas estas irrealidades?...

De que se acastela a verdadeira Arte?

– Da fantasia.

– A que se reduz o génio?

Às faculdades criativas. Quer dizer: à fantasia desenvolvida no mais elevado grau.

Sim, sim, se a nossa razão só pode admitir o que se palpa, como se lembrou de idealizar o que não se palpa?

Há, sem dúvida, aqui uma incoerência perturbadora...

Incoerência? Talvez só aparente. Vejamos: nós conhecemos um dia certo panorama donde depois nos afastámos. Como já o conhecemos, mais tarde, *longe dele*, sabemos relembrá-lo. Isto é, vê-lo imaterialmente, mas porque já o vimos materialmente. Nem doutra forma se conceberia que fosse. Ora, sendo assim, porque não havemos de supor – em paralelo, e com muitos visos de verdade – que uma origem semelhante terá a imaginação?

Nesta ordem de ideias, a fantasia não será mais do que uma soma de reminiscências. Simplesmente de longes reminiscências de coisas que nos não lembramos de ter visto – mas que

tudo, em realidade, nos leva a crer que vimos, pois as sabemos rever. Aliás, eis disto a prova máxima: a *imaginação não é ilimitada*. O artista que queira executar uma obra só a pode ascender dentro dum número muito restrito de Artes: ou será um pintor, um poeta, um escultor, um músico ou um arquiteto. Por mais distante que se eleve o seu génio, ser-lhe-á vedado altear uma obra que se não reduza a um poema, a um edifício, a uma partitura, a uma estátua, a um quadro. Se a imaginação fosse livre, – isto é: se fosse meramente imaginação, se não fosse fator de coisa alguma – não deveriam existir estas restrições. O artista acumularia *outras obras, doutras Artes* e só em verdade caberia o epíteto de genial, àquele que triunfasse deslumbrar-nos com uma Nova Arte.

De resto, mesmo fora da arte, na simples vida de aspiração, tudo se limita a três ou quatro números de cada ordem – tudo se sintetiza. Sonhem-se os espasmos. Mas até o maior onanista, não saberá evadir-se, criando um êxtase novo – que não seja êxtase, mas outra coisa qualquer, excessiva, total; enfim: mais arrepiadamente doutra cor, *duma cor que ainda não o tivesse sido*.

Portanto, para concluir: a fantasia, a *propriedade* mais misteriosa do homem é aquela que melhor o distingue dos outros animais, é fator de qualquer coisa, visto que se restringe – e, apoiadamente, deverá ser fator de reminiscências. Logo:

«Só podemos imaginar aquilo que vimos ou de que nos lembrámos. Se vimos, a fantasia chama-se memória. Se apenas nos lembrámos sem nos recordarmos de o ter visto – é nesse caso a fantasia pura.»

«O homem que mais reminiscências guardou – será aquele cuja fantasia mais se alargará. Génios serão pois os que menos se esqueceram.»

Aceite esta hipótese tão verosímil, imediatamente nos é lícito concluir que antes da nossa vida atual, outra existimos. A fantasia cifrar-se-á nas lembranças vagas, longínquas, *veladas*, que dessa outra vida conservámos. E sendo assim, nada nos repugna também propor que a nossa vida de hoje não será mais do que a morte, do que o «outro-mundo» da nossa existência da véspera.

– Mas como passaremos duma vida para a outra vida, atendendo que nunca conservamos longínquas reminiscências da anterior?

Segundo o Mestre, tudo residiria numa simples adaptação a diversos meios. Os órgãos da nossa vida *A*, em função do tempo – ou de qualquer outra grandeza – ir-se-iam pouco a pouco atrofiando relativamente a essa vida; isto é: *modificando*. Até que a mudança seria completa. Então dar-se-ia a morte para essa vida *A*. Mas, ao mesmo tempo, esses órgãos haver-se-iam adaptado a outra existência, tornando-se sensíveis a ela. E quando assim acontecesse, nasceríamos para uma vida *B*. Quer dizer:

«As almas têm idade. E as várias vidas – pois nada nos indica que tenha limite o seu número – não serão mais do que os vários meios a que sucessivamente, e conforme as suas idades, as almas se afeiçoarão.»

Lembremo-nos em paralelo:

Os batráquios, animais terrestres na sua generalidade foram primeiro larvas adaptadas ao meio aquático. Mudaram de forma, mudaram de órgãos. Tiveram guelras, têm pulmões. Vivem, bem visivelmente para nós, duas vidas diversas em

meios diversos. Logo, nem por isso é muito arrojado formularmos a seguinte hipótese:

«Não somos mais, na vida de ontem e na de hoje, do que as sucessivas metamorfoses, diferentemente adaptadas, do mesmo ser astral. O homem é uma crisálida que se lembra.»

Esta hipótese proposta vamos tentar, senão demonstrá-la, pelo menos *apoiá-la*.

Busquemos dentro de nós os fenómenos mais frisantemente misteriosos, procurando ver se *acertam* com a hipótese em questão. E, grosseiramente, sem ir mais longe, olhemos os sonhos, a epilepsia. Haverá porventura alguma coisa mais inquietante do que as visões reais – ou melhor: destrambelhadamente reais – que nos surgem nos sonhos, e de que os ataques de epilepsia, que são como que uma morte temporária, um mergulho fora-de-nós?...

Os sonhos...

Admitamos como provado que o homem guarda reminiscência duma outra vida – duma outra metamorfose – anterior a esta. Se guarda reminiscências, isto significa que conservou vislumbres de sentidos, de *órgãos* dessa outra vida. (Também

entre os batráquios urodelos, as guelras primitivas deixaram vestígios nos cripto-brânquios – os folhetos branquiais, o espiráculo – e subsistem mesmo, funcionando a par dos pulmões, nos perenibrânquios, singulares animais perturbadoramente adaptados a duas vidas simultâneas).

Durante o sono, os nossos sentidos atuais anestesiavam-se. Mas os crepúsculos de sentidos doutrora permanecerão acordados visto que não devem ser sensíveis ao sono desta vida, que não é a deles. Entretanto nos nossos sentidos contemporâneos adormecidos, estagnaram imagens da nossa vida presente, e – por outro lado – eles não se acham inteiramente anestesiados. Contudo, a sua intensidade não será tão grande que sufoque os vestígios de sentidos doutrora, como quando estamos acordados, e assim uns e outros trabalharão em conjunto. Daí toda a incoerência dos sonhos, o destrambelhamento da realidade, visto que as sensações serão meras sombras de sensações estagnadas, interpretadas por vislumbres de sentidos doutra vida, transmitidas ao nosso cérebro pelos nossos sentidos atuais morfinizados, vacilantes. Ou, talvez mais claramente: Durante o sono, os nossos sentidos adormecidos trabalharão acionados por sentidos doutra vida. Donde, uma

soma de parcelas arbitrárias, cujo resultado se traduzirá na incoerência, *na falta de medida*, na fantasmagoria dos pesadelos.

Muitas vezes, quando sonhamos, temos a sensação nítida de que estamos sonhando, e, se o sonho é terrível, fazemos um violento esforço por despertar. Isto nada mais significará do que a luta dos nossos sentidos reais anestesiados, contra os vislumbres de sentidos-fantasmas em atividade.

Lembrar-nos-emos tanto melhor do que sonhámos – quanto mais perfeita tenha sido durante o sono a morfinização dos nossos sentidos. «Não sonhar», indicará que os nossos sentidos de hoje adormeceram inteiramente, e assim não pudemos guardar reminiscências do que oscilaram os vislumbres dos sentidos doutrora.

E, paralelo a este último, se apresentará o caso da epilepsia.

Nos epiléticos, a adaptação dos órgãos à existência atual, por qualquer circunstância física, será intermitente – haverá lacunas desta vida. O epilético, durante as crises, regressará a uma vida anterior – nada entanto nos podendo contar, de coisa alguma se recordando (nem do intervalo que houve na sua vida presente) pois a adaptação dos seus órgãos à vida de

ontem, e a respetiva desadaptação à vida de hoje, teriam sido inteiras. Assim, não conservaria durante o ataque nenhuns pontos de referência que lhe permitissem, nesta, lembrar-se do que viveu na outra.

Nada nos prova, de resto, que haja só duas existências. Pelo contrário: tudo faz pressentir que se viva uma série delas, uma série mesmo infinita – muito melhor: uma série talvez circular, fechada; donde se conceberia sem grande esforço a imortalidade da Alma.

E, sempre conforme os apontamentos do Mestre, a loucura não seria mais do que uma adaptação prematura e imperfeita a uma existência vindoura. Aliás é muito admissível que já freiam *[sic]* em nós crepúsculos de sentidos duma vida imediatamente futura, como outrora – na de ontem – já vibrariam indícios dos desta de hoje. E assim se explicaria o singular fenómeno do *já visto*: por vezes temos a sensação de já haver-mos presenciado, não sabemos *donde*, certo cenário em que nos agitamos *agora* pela primeira vez.

Com efeito podia muito bem suceder que na nossa metamorfose de ontem, mais provavelmente na velhice desse período, existissem já embriões de sentidos futuros sensíveis

ao nosso meio atual – os quais teriam sido longinquamente impressionados por essa paisagem, e dela guardado fantasmas de reminiscências que hoje, ao depará-la, bruxuleassem.

«Assim – escreve o Mestre – eu, olhando para trás de mim, tenho a noção nítida, recordo-me com efeito, da cor de certas épocas e, muito frisantemente, da cor do período romântico – tempo em que terei sido velho na minha vida de ontem».

Outro ponto primordial há a examinar – por cujo exame será possível formularmos algumas hipóteses sobre certas circunstâncias da nossa vida imediatamente anterior.

Vejamos:

Na existência atual não vivemos só nós. Entretanto o único ser dotado de fantasia é o homem. Isto é: o homem é o único ente que guarda reminiscências, a única crisálida que se lembra.

Porque será assim?

Duas hipóteses nos é lícito propor:

Na vida de ontem haveria seres de várias espécies – cada uma delas morrendo diferentemente, isto é: desadaptando-se da vida A e adaptando-se à vida B diferentemente. Conserva-

ria porém vislumbres de sentidos dessa vida A, uma única espécie, que na vida B acordaria em homem.

Contudo esta segunda hipótese se afigurava ao Mestre bem mais provável e bem mais interessante:

Nessa vida anterior haverá apenas um ente – mas muitas mortes. Conforme se tiver morrido na vida A, assim se nascerá para a vida B. E o ente que nessa vida A morrer mais perfeitamente, será na vida B o menos perfeito. Logo: «Não foi o mesmo o destino dos seres dessa existência após a sua morte quanto a ela».

E eis o que muito bem nos viria explicar a origem da fantástica concepção humana de Inferno e Céu – o céu para os que procederam bem, o inferno para os que procederam mal. Ela não residiria mais do que na adaptação inconscientemente feita como hipótese, duma verdade consciente sabida na outra vida e de que, nesta, tivéssemos conservado pálidas reminiscências. Sim. Na vida de ontem, saberíamos que o nosso porvir na de hoje, variaria conforme existíssemos a de então. E assim, identicamente, teríamos suposto – ao desenvolvermos na vida atual que o nosso destino em Amanhã, seria diverso segundo procedêssemos em Hoje; escolhendo como fatores

das várias sortes o bem e o mal. Ora, em verdade, ser bom ou mau é uma orientação, uma tensão diferente do espírito, – o que, duma maneira muito lógica, poderia diversamente influir na adaptação dos nossos órgãos à existência vindoura, e no seu respetivo desafeiçoamento quanto à presente:

«Na vida anterior à nossa haverá pois um único ser, o qual morrerá mais ou menos perfeitamente, terá nesta vida determinado destino, conforme lá agiu, foi – este “foi”, é claro, de forma nenhuma traduzindo ter sido bom ou mau, ideias que só significarão alguma coisa aos nossos sentidos de hoje».

A fantasia compõe-se de reminiscências. Se o homem fantasiou destinos diversos para depois de si, e porque nele existem lembranças dalgum facto real, paralelo.

Eis donde se chega a todas estas conclusões, e eis pelo que o Prof. Antena reputava a segunda hipótese a melhor apoiada.

Entretanto ainda se não agitou o lado mais inquietador do problema.

Aceite a hipótese das vidas sucessivas – e, de resto, preocupando-nos apenas com a de hoje e com a de ontem – onde se localizarão essas vidas, quais serão os seus meios?...

«Essas vidas existem sobrepostas, bem como os seus meios»
– parece ter concluído o sábio. Unicamente os seres adaptados a uma vida, seriam insensíveis a outra. Assim não a poderiam ver, não a poderiam sentir, embora ela os traspassasse, os entrecruzasse.

– Mas essas existências não preencherão antes os vários astros?

Era muito admissível. Simplesmente o Mestre punha em dúvida a existência de vários astros. Conforme as suas notas (ignoraremos sempre, por desgraça, em virtude de que maquinismo de raciocínios, de que observações ou de que experiências, ele chegara a imaginar tal sistema do universo) os astros não seriam mais do que vários *estados* do mesmo tempo – ou melhor: da mesma grandeza indefinida – e as vidas: a idade, os diversos períodos de metamorfoses, do mesmo ser psíquico que sucessivamente se fosse adaptando a um e outro estado dessa grandeza.

Não nos julguemos em plena fantasia. Olhando em volta de nós, logo topamos com factos paralelos – longinquamente paralelos, mas em todo o caso comparáveis. Pois não existem ao nosso redor sobrepostos três meios: o sólido, o líquido, o

gasoso? E não existem indivíduos especialmente adaptados pelo menos a dois desses três meios?

Muito bem. Admitamos por momentos que um peixe não teria órgãos sensíveis à vida terrestre – que, assomando à tona de água, os seus olhos não avistariam nem os promontórios nem as falésias, e que o seu corpo seria poroso e transparente a tudo quanto pertencesse a essa vida. Suponhamos que, em relação ao meio aquático, o mesmo se dava com os seres terrestres. E eis como teríamos duas vidas misturadas, emaranhadas – mas cada uma delas vivida exclusivamente, *existindo* exclusivamente para determinados indivíduos.

Que, na verdade, assim acontece. Apenas todos nós nos vemos uns aos outros, e vemos ou sentimos os meios onde nos não podemos agitar. Aceite-se porém que esses meios que nós presenciamos são, ainda que diferentes, da mesma ordem; outros no entanto existindo de outras ordens, entre as quais as diferenças serão máximas, nenhum dos seres a um dos meios de certo grupo adaptado será sensível a um meio doutro grupo – e teremos a realização da hipótese do Mestre.

Suponhamos ainda, para completar, que assim como um sapo, no estado de larva, é um ser aquaticamente adaptado, e,

no período adulto, um animal terrestre – também um mesmo núcleo psíquico vivendo originariamente uma vida *A* num meio α , se iria adaptando sucessivamente aos meios β , γ e δ existindo neles as vidas *B*, *C*, *D*; cada um desses meios, é claro, tornando-se-lhe sensível em função das suas metamorfoses; isto é: da sua idade.

Há mais porém. Existe outro paralelo bem melhor, bem mais frisante – a vida vegetal.

Os vegetais vivem. E entretanto nenhum sentido, nenhum órgão, possuem propriamente igual aos dos animais – a bem dizer nem o seu meio é o mesmo, visto que uns e outros se aproveitam de elementos diversos dum mesmo meio. Os vegetais não veem seguramente a nossa vida, não a sentem. A prova está em que lhes falta por completo o instinto da conservação. *Não fogem quando nos propomos colhê-los.* A nossa vida «atravessa» a sua vida, mas eles nunca a adivinham.

Pois bem. Porque não há de suceder o mesmo connosco?

Porque não hão de viver em volta de nós outros seres, nossos parentes – nossos antepassados, nossos vindouros – que nos verão, nos sentirão não sendo por nós nem vistos nem pressentidos?

É avançar muito decerto assegurar o contrário. (Mesmo sabemos tão pouco, tão infinitamente pouco, que nunca devemos, em verdade, garantir coisa alguma).

E, sendo assim, nada nos repugnaria, comparando, propor que as doenças que nos matam seriam apenas as *colheitas* que de nós fariam seres doutra vida e dos quais não fugiríamos, à falta de os saber adivinhar.

«De resto – anotara o Mestre em parêntesis – todas estas comparações com o reino vegetal, devem abranger também os minerais. Nada nos prova, com efeito, que eles não vivam. Apenas não viverão uma vida como nós a compreendemos. Não viverão isoladamente. Mas podem viver em conjunto: *terão idade em conjunto*. E cada “tempo” dessa idade representar-se-á por uma espécie mineral».

Entanto, cumpre não esquecer: tudo isto são meras comparações, apenas grosseiros paralelos. Pois, em verdade, para todos nós – animais, vegetais ou minerais – o meio é realmente um mesmo conjunto: apenas muito diversas as adaptações, os processos de utilizar esse meio.

«Todos formaremos um conjunto. Poder-nos-emos até, quem sabe, vermo-nos todos uns aos outros – pelo menos os

superiores em complexidade orgânica veem os inferiores. Haverá porém vários conjuntos. Cada um destes conjuntos é que não poderá, *naturalmente*, varar o Mistério de nenhum outro».

E foi essa a extraordinária empresa a que o Prof. Antena se decidiu meter ombros, embora todas as barreiras!...

Não nos é desgraçadamente possível saber como ele chegou a um resultado prático – pois, segundo veremos, a sua estranha morte parece não significar mais do que esse resultado atingido, ainda que de balde. Mas pelos seus papéis, conhecemos em teoria o que buscou vencer:

Admitindo como verdadeiro o sistema das vidas sucessivas entrecruzadas, cada uma delas apenas sensível ao conjunto de seres que a existisse – aquele que, não obstante, tivesse conseguido *artificialmente*, duma existência, tornar os seus órgãos sensíveis a outra, poderia, da sua, viajar nessa outra.

Seria o caso do vegetal que, continuando a ser vegetal, fosse ao mesmo tempo animal. Nós não sabemos, não *sentimos*, o que será a existência duma árvore. Conseguíssemos vivê-la, *não nos esquecendo de nós*, e conhecê-la-íamos. «Não nos esquecendo de nós», isto é: não deixando de ser nós-próprios,

visto que, dada a transformação completa, da mesma maneira ignoraríamos tudo – porque só conheceríamos então a nossa vida de vegetal.

Paralelamente – e segundo a hipótese do sábio – um epilético, durante a crise, baixou a um outro mundo. Mas como os seus órgãos, momentaneamente, se desadaptaram por completo deste, – ele não pôde, ao regressar, dizer-nos o que viveu no outro. *Viajou-o de sentidos vendados.*

Em resumo – o Mestre propunha-se ao seguinte: adaptar os seus sentidos a uma outra vida (à nossa vida imediatamente anterior), conservando-os ao mesmo tempo despertos na de hoje. Verdadeira ambição de Deus, a sua!

Entretanto publiquemos ainda estas curiosas notas, extraídas quase textualmente dos seus cadernos.

«Suponha-se mesmo que existem vários astros e que, em cada um deles se localizará uma vida e um meio. Pois nem por isso cairia por terra a hipótese dos mundos sobrepostos».

«– Como assim,» objetar-se-á. «Entre os astros haveria nesse caso distância – e não se vence distância sem movimento... – Perdão... Mas quem nos diz que o movimento existe? Podemos acaso ter essa certeza? De forma alguma... E vêm até de muito

longe as dúvidas a tal respeito – já Zenão d’Elea negava a sua existência. De resto o mais provável, o quase certo – é que o movimento, o tempo, a distância (ou melhor: as medidas do tempo e da distância), serão apenas sensações próprias aos nossos órgãos atuais, *sensações que os definem*: e a realidade das coisas uma outra sensação; bem como a sua irreabilidade. Porquanto no Universo, nada será real nem irreal, mas outra coisa qualquer – que só saberia o indivíduo perfeito que se adaptasse duma só Idade, a todas as vidas, vivendo-as universalmente. E a esse triunfador, em verdade, caberia o nome de Deus».

«Depois, nesta hipótese da sobreposição dos meios, não será um belo apoio o conhecido fenómeno *do já visto*? Se as existências se cristalizassem *separadas*, longínquas entre si, se a distância fosse uma realidade – presumivelmente nós não lograríamos entrever com vislumbres de sentidos prematuros (por transparência brumosa, decerto) o que estilizasse numa outra vida, e assim chegados a ela, reconhecermos às vezes, em ténues lembranças, sombras, paisagens, crepúsculos».

«Em pequeno» – aponta ainda o sábio – «colocando-me em face dum espelho, estremecia não me conhecendo, isto é: apa-

vorado do meu mistério. Entretanto a sensação que me oscilava – descubro agora – não era verdadeiramente esta. Parecia-me antes, não que me desconhecia, mas que já soubera outrora quem *fora* – e que hoje me esquecera, sendo impossível recordar-me por maiores esforços que empregasse.

E isto só vem apoiar a teoria das reminiscências logo das vidas sucessivas, pela qual se chega a conceber a eternidade da Alma. Aliás, devemos com efeito ser espiritualmente eternos – e um indício reside em que, pensando no nosso Além, nos chega sempre por último esta sensação: Ainda que a morte fosse o aniquilamento total, ficaríamos embora sabendo qualquer coisa – por nada termos ficado sabendo, *por nada termos sentido ver*.

Eis tudo quanto me foi possível extrair dos vagos apontamentos do Mestre. Daqui para diante, apenas nos será lícito fazer suposições sobre eles.

Estas notas, já antigas de alguns anos, deve-as o Prof. Antena haver meditado, *ajustado*, descido profundamente nos

últimos tempos. E decerto encontrou provas autênticas para as suas teorias – não tornando desde aí a assentar coisa alguma porquanto, embrenhado no assunto, e decidido a trabalhá-lo até ao seu limite, isso lhe seria dispensável. Com efeito ele só se utilizava dos seus cadernos, quando, ocupando-o a resolução de determinado problema – ideias lhe surgiam sobre qualquer outro que só mais tarde agitaria.

Seguro do seu sistema, buscou demonstrá-lo; isto é: penetrar numa outra vida – na nossa vida imediatamente anterior, segundo todas as probabilidades. Como o tentaria, em prática? Segredo...

Em outros maços de papéis existem séries de cálculos e de fórmulas químicas que provavelmente se relacionaram com a busca da maravilha. Os cálculos porém são indecifráveis na sua maioria, e as fórmulas de impossível leitura, visto que a par de símbolos conhecidos, muitos outros figuram que não podemos identificar. A fórmula que mais se repete é esta:



Sem dúvida referiam-se também à descoberta as estranhas ampolas encontradas em movimento no seu laboratório e o

misterioso relógio que, durante o passeio trágico, parecia orientar os seus passos. Nada mais sabemos.

Ora em tudo isto – afirmei logo de começo residiam as provas de verosimilhança da extraordinária morte do Prof. Antena – cuja verdade só hoje estabeleci.

Vejamos por que maneira:

Muito facilmente – se aceitarmos que o Mestre venceu o Mistério, como em verdade essa morte fantástica nos parece indicar.

Sim. Mantendo-se sensíveis a esta vida, os seus órgãos teriam com efeito acordado noutra vida. Nesse instante Absoluto, o corpo do Mestre deixara de ser poroso, insensível, invulnerável a essa existência. Mas quando isso sucedeu, qualquer coisa desse mundo o teria varado – como ao epilético descido a outra vida durante a sua crise, qualquer coisa da nossa poderia esfacelar (um automóvel, o volante duma máquina) se nós não *víssemos* o seu corpo e não o resguardássemos.

Assim – talvez apenas por um acaso desastroso, – o Prof. Antena, ao *vencer*, surgisse na outra vida entre uma Praça pejada de veículos, entre uma oficina titânica, no meio de

maquinismos vertiginosos, alucinantes, que o tivessem esmagado.

(É claro que os termos que utilizo são nimiamente paralelos – pois nessa existência nem haveria maquinismos nem Praças, mas quaisquer outras coisas. Quaisquer coisas novas que, da nossa vida, pela vez primeira teria presenciado [*sic*] o grande Mestre).

Tal é a hipótese que pela minha parte proponho. Quem entender que formule outras – mesmo que retome as suas teorias e praticamente as busque verificar. Para isso as publiquei. Seria um crime ocultá-las. Elas rasgam sombra, fazem-nos oscilar de Mistério, como nenhuma outras. Incompletas, embaraçadas, são entretanto as mais assombrosas...

...E na memória do Prof. Domingos Antena, devemos sempre relembrar, atónitos, Aquele que, por momentos, foi talvez Deus – Deus, Ele-Próprio: que realizaria, um instante, o Deus que nós, os homens, criámos eternamente.

Lisboa,

Dezembro de 1913 e janeiro de 1914

A Estranha Morte do Professor Antena